

«Aos dezanove anos, julgava-me poeta. Guardo essas tentativas juvenis como planos de crimes que não cheguei a cometer. A maioria envergonha-me, mas orgulho-me dessa vergonha e só por modesta vaidade não as destruo. Em poucas — duas ou três — encontro vestígios do futuro, uma voz que se assemelha à que tenho hoje. É como se, após percorrer um caminho, encontrasse finalmente o mapa com as indicações exactas do percurso. Isto leva-me a pensar que terei sido mesmo eu o autor daqueles poemas. Apesar disso, não os subscrevo por inteiro. Não pelo que têm da sublime ignorância da adolescência — esse também era eu — mas por sentir que a vida que tentava irromper através daque-

las palavras não conseguiu vingar. Escrevi este poema na tarde de uma terça-feira de Junho. E é triste conseguir vê-la com tanta clareza na memória e saber que tudo o que resta, tudo o que posso dizer sobre aquela tarde, são estas palavras. Se alguma aprendizagem devo fazer desta releitura é a de que a derrota daqueles que escrevem cedo se anuncia. Aos dezanove anos, eu, que me julgava poeta, deveria ter percebido que, para quem escreve, de um lado há uma terça-feira nítida de Junho e, do outro, palavras que a obscurecem.»

Bruno Vieira Amaral

Não sou dos grandes espaços
Dos desertos ou oceanos que se estendem até à linha do horizonte

O meu olhar percorre apenas paredes
E as vidas íntimas que as habitam

Não sou do mundo, sou da minha casa
O que vejo são pessoas e crises,
Nunca vi as cores do mundo,
Não sei descrever nada,
Sou das paredes cinzentas e humanas,
Vivo do lado de cá da austeridade
Não sou escritor de viagens
E por mais expressos e transatlânticos
Que atravessem a minha escrita
Só eu me interessó
E à volta de mim mesmo giro.

Esquecem-me as vastas planícies e estepes,
As vulcânicas montanhas,
Os vales profundos,
A imensidão dos mares em fúria,
Os desertos abrasadores,
A inquietação húmida das florestas

Não sou descobridor branco, extasiado de trópicos e de novas gentes
Menos serei repórter da National Geographic

Fotografando índios insólitos, pequenos e assustados
(fotografem-lhes as crises conjugais
Antes de lhes saberem as hierarquias)

Não quero o humano absoluto
(raças, cores, costumes)
Não quero o divino absoluto
Quero a absoluta relatividade do humano
(os desempregados, os doentes, os divorciados)
Parem com as análises brancas, ocidentais e néscias

A esmagadora poesia do quotidiano
A minha cama e eu, pangeia, nela deitado
O meu corpo, esta planície de magma solidificado,
Pensamentos rebentam em mim como ondas
 Morrendo na praia dos meus lábios
 Na areia do meu silêncio
Transpiro interiormente

Calcifico-me, quinto elemento,
Um universo finito de paredes e uma família
Ah, a verdade
Na fila para o subsídio de desemprego
Na grande cidade.

24 de Junho de 1997